

**VESTINDO BRANCO PARA O FIM DO ANO OU PARA O FIM DO MUNDO?***Wearing White for the End of the Year or the End of the World?*Caio Menezes dos Santos<sup>1</sup>**RELATO PESSOAL**

Mais um ano terminará, momento em que há um pensamento coletivo quanto a busca de um mundo melhor. Aos supersticiosos a cor da roupa representa um desejo, a quantidade de frutas consumida representa um desejo e assim como a tradição de pular ao menos sete ondas. Entretanto, os eventos climáticos desse ano nos obrigam pensar na nossa relação e interação com a natureza e sobre um pouco dessas práticas.

A produção têxtil que vem adotando um modelo denominado *Fast-Fashion*, caracterizado pela produção em larga escala de peças de baixa qualidade e conseqüentemente provoca uma onda consumista, esse modelo representa em uma emissão de 400% a mais de carbono. Quanto as nossas frutas, nota-se um crescente, conforme nota da Embrapa, aumento do uso de agrotóxicos, no mundo são 12,5 milhões de toneladas, sendo o Brasil responsável por 300 mil. Esse uso excessivo desses agentes químicos, provoca uma série de desequilíbrios ambientais, modificando radicalmente a biodiversidade presente no solo, que impacta diretamente a vida marinha e todo o ecossistema.

Em 2023 a maioria das regiões do Brasil apresentaram recorde de altas temperaturas. Ao Norte a seca no Rio Negro é histórica, provocando a morte de diversos espécimes que existem somente em nosso território, impactando negativamente diretamente na qualidade de vida populacional e nos setores econômicos dependentes dos recursos naturais provenientes. No Nordeste, a seca severa atinge ao menos 100 municípios. No Sudeste, o mês de outubro de 2023 quebrou o recorde de ser o mais quente, segundo dados do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), ao mesmo tempo, a região

---

<sup>1</sup> Graduando de Relações Internacionais pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisador do Grupo de Pesquisa CNPq Centro de Estudos Estratégicos e Planejamento do Espaço Marinho (CEDEPEM). E-mail: caio.ciba@gmail.com

apresentou chuvas acima do esperado. Quanto ao Centro-Oeste, o recorde de alta temperatura da média histórica, iniciada em 1973, também foi atingindo, aliado ainda ao índice de precipitação na região.

Apesar da onda de calor extrema na maior parte do Brasil, o Sul foi marcado por fortes chuvas, sendo recorrente o número de ciclones extratropicais, ao menos nove somente no estado do Rio Grande do Sul. Em setembro de 2023, 20 municípios do RS estiveram classificados em situação de calamidade pública, enquanto outros 63 em emergência. Conforme dados da Defesa Civil do estado, em setembro de 2023, as chuvas provocaram ao menos 43 mortes, deixou 224 feridos e deixando ainda 46 pessoas desaparecidas.

No contexto político, o ano de 2023 foi marcado pela retomada do Brasil na agenda ambiental. Essa retomada foi marcada por uma série de medidas tomadas pelo Governo Federal para aumentar sua participação no Sistema Internacional, sendo realizadas ações como a realização da Cúpula da Amazônia, a retomada do protagonismo pelo Ministério do Meio Ambiente e da Mudança do Clima, sob a coordenação de Marina Silva, a qual tem um histórico importante pela luta e conservação ambiental, a candidatura de Belém para receber a Conferência das Nações Unidas para o Clima em 2025. Entretanto, devemos refletir se tais medidas são suficientes para aos desafios apresentados pela emergência climática somente esse ano.

Para tais ações é fundamental a participação de toda a sociedade, devendo ser necessária a discussão entre todos, pois todos seremos atingidos, independente de classe econômica e étnica, embora alguns grupos sociais sofram mais que os outros. No Brasil, os povos indígenas foram negligenciados durante anos na participação política, sendo somente através da Constituição Federal de 1989 inclusos na participação e tomada de decisão. Segundo pesquisas, esses são os primeiros a sentirem os impactos climáticos, pois se utilizam da natureza como recurso para sua sobrevivência, apresentando práticas que conciliam as necessidades da natureza com suas necessidades de subsistência. Entretanto, as práticas econômicas no Brasil tem sido fortes provocadoras desse desequilíbrio, desse modo é fundamental ainda observarmos a nossa cadeia produtiva.

O Brasil é caracterizado desde a sua colonização por um modelo de agro-exportação, sendo os recursos naturais no país sempre utilizados e de grande valia no cenário comercial, não podemos esquecer jamais que o nome do país é originado de uma árvore. Apesar de representar uma importante parcela da biodiversidade mundial. Sendo uma região estratégica para a sustentabilidade mundial, o Brasil nos últimos anos apresentou índices alarmantes de queimadas, desmatamento, desmantelamento de instituições públicas voltadas a proteção ambiental, assim como casos de violência aos povos

indígenas provocados sobretudo pelos setores de mineração ilegal, corroborada ainda pela fala do então Ministro do Meio Ambiente Ricardo Sales em que disse que o Governo Federal deveria aproveitar o cenário e Covid-19 para promover os interesses de produção agrária extensiva. Economicamente, as exportações de commodities são fundamentais para o Brasil, entretanto, é fundamental repensarmos no modelo de produção adotado, pois as mudanças climáticas impactam diretamente no setor.

Nesse sentido, compreendo que as tragédias climáticas de 2023 são resultados de anos de exploração e negligência com o meio ambiente e da exclusão de todos os atores no debate ambiental de preservação. Sendo necessário repensarmos no modelo de consumo e produção que adotamos, respeitando os princípios econômicos, mas também quanto a capacidade natural de absorver os impactos antropológicos. Meus desejos para o ano de 2024, é que possamos definir metas e cumpri-las não somente no âmbito pessoal, mas também no contexto coletivo, pois o papel de todos é importante para a preservação da sociedade.